



| Narrativas de mães adolescentes negras sobre trajetória escolar e suas experiências vividas na Escola Pública Estadual Luanda, Ipiaú-BA

Stella Da Silva Lima¹, Maria De Fátima De Andrade Ferreira^{*1}

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

***mferreira@uesb.edu.br**

TRABALHOS COMPLETOS: GT2 – Etnias, Gênero e Diversidade Sexual

RESUMO

Neste texto mostramos um recorte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, cujo objetivo é analisar *Narrativas de mães adolescentes negras sobre trajetória escolar e suas experiências vividas na Escola Pública Estadual Luanda, Ipiaú - BA*, considerando o que dizem/pensam/falam as interlocutoras da pesquisa sobre “ser mãe adolescente negra” e os caminhos percorridos até chegar ao espaço escolar, observando os sentidos e seus significados sobre evasão/abandono e suas experiências vividas no cotidiano escolar. Além disso, buscamos uma compreensão sobre o que essas jovens dizem, pensam e sentem sobre “ser mãe adolescente negra” e como constroem sentidos sobre permanência, evasão ou abandono escolar. A investigação justifica-se pela necessidade de dar visibilidade a histórias frequentemente silenciadas pela estrutura racista, patriarcal e classista da sociedade brasileira. Com base em uma abordagem qualitativa, orientada pela pesquisa narrativa, este estudo propõe refletir sobre como o racismo estrutural e as desigualdades de gênero e classe impactam o direito à educação. Ao reconhecer essas experiências, pretendemos contribuir para o debate sobre uma educação pública antirracista, inclusiva e comprometida com a justiça social, capaz de acolher as múltiplas realidades que compõem o cenário escolar contemporâneo.

Palavras-chave: Educação pública. Mães adolescentes. Trajetória escolar.

Submetido em: 10/10/2025 | **Aceito em:** 17/11/2025

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um recorte teórico de conhecimentos produzidos no âmbito de uma pesquisa de mestrado em andamento, cujo objetivo é analisar *Narrativas de mães adolescentes negras sobre trajetória escolar e suas experiências vividas na Escola Pública Estadual Luanda, Ipiaú - BA*, considerando o que dizem/pensam/falam as interlocutoras da pesquisa sobre “ser mãe adolescente negra” e os caminhos percorridos até chegar ao espaço escolar, observando os sentidos e seus significados sobre evasão/abandono e suas experiências vividas no cotidiano escolar. Nesse sentido, a pesquisa procura



identificar causas e consequências (sociais, econômicas e pedagógicas) referentes ao trabalho, interesse ou dificuldades de aprendizagem escolar, como categorias que se inter-relacionam e podem possibilitar um olhar para essa direção.

A relevância deste estudo está ancorada na necessidade de compreender as interseccionalidades entre raça, gênero, classe e maternidade na trajetória escolar de mães adolescentes negras. Trata-se de um tema de importância social e científica, que busca dar visibilidade a experiências frequentemente silenciadas no espaço educacional e nas políticas públicas brasileiras. A gravidez na adolescência, quando atravessada pelas marcas do racismo estrutural e do patriarcado, revela-se como um fenômeno de múltiplas dimensões, impactando diretamente o direito à educação e a permanência escolar dessas jovens.

É importante enfatizar que, “a escravidão no Brasil foi mais que um sistema econômico; moldou condutas, definiu desigualdades sociais, fez da raça e da cor da pele marcadores sociais de diferença fundamentais” (SCHWARCZ, 2019, p. 27), e essa herança escravista ainda estrutura a sociedade brasileira. Desse modo, perpetua a exclusão e naturaliza desigualdades diversas (raciais, de gênero, social, geração e a desigualdade social presente nos diferentes acessos à educação, à saúde, à moradia, ao transporte e ao lazer) que incidem sobre a vida das mulheres negras, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade social e educacional. Assim, estudar suas narrativas significa reconhecer e valorizar saberes e experiências que tensionam os discursos hegemônicos, propondo uma leitura crítica da realidade a partir de uma epistemologia que parte do lugar das subalternizadas.

Diante disso, esta pesquisa se torna relevante por contribuir com a produção de conhecimento comprometido com a transformação social, ao problematizar as desigualdades de gênero e raça e ao propor reflexões sobre uma educação antirracista, inclusiva e emancipatória. Alinhada aos objetivos do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, esta investigação pretende ampliar o debate sobre justiça social e direitos humanos, fortalecendo as lutas por equidade racial e de gênero no campo educacional.



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



Notamos que, no contexto educacional, as trajetórias dessas jovens são marcadas pela invisibilidade, pela falta de políticas de apoio à maternidade e por práticas institucionais que reforçam o racismo e o sexismo. Destaca-se que “a reprodução de práticas discriminatórias, racistas, preconceituosas e carregadas de estereótipos denunciam que o racismo e o autoritarismo são práticas presentes na educação brasileira” (FERREIRA, 2015, p. 2523). Essa constatação da autora revela que o espaço escolar ainda não se constitui plenamente como lugar de acolhimento e permanência para estudantes negras mães, que enfrentam não apenas barreiras materiais, mas também simbólicas, como o preconceito e a culpabilização social.

METODOLOGIA

Para realizar este estudo, adotamos abordagens metodológicas que possibilitam uma compreensão ampla e aprofundada das dinâmicas que envolvem as experiências vividas por alunas negras da Escola Estadual Luanda, Ipiaú-BA, que se tornaram mães na adolescência no percurso escolar. Optou-se por uma abordagem qualitativa, orientada pelos caminhos da pesquisa narrativa, por compreender que as histórias de vida e as narrativas pessoais revelam significados, sentidos e subjetividades que não são capturados por métodos quantitativos. A pesquisa narrativa, nesse contexto, busca interpretar e valorizar as vozes das interlocutoras, reconhecendo nelas produções de saber e formas de resistência que possam emergir de suas experiências cotidianas como mães, estudantes e mulheres negras. Assim, a produção e a análise das narrativas irão constituir instrumentos centrais para compreender como o racismo estrutural, o patriarcado e as desigualdades sociais atravessam suas trajetórias escolares e influenciam seus processos de permanência ou evasão na escola pública.

Utilizamos a pesquisa narrativa como método, pois, conforme destacam Clandinin e Connelly (2015), a experiência humana se organiza de forma narrativa, isto é, vivemos, contamos e damos sentido ao mundo por meio das histórias que construímos e compartilhamos. Ao adotar essa abordagem, buscamos



compreender, de modo sensível e profundo, as experiências vividas por mães adolescentes negras no contexto da Escola Pública Estadual Luanda, em Ipiaú-BA, interpretando seus relatos não apenas como dados, mas como expressões de subjetividade, resistência e pertencimento.

Para a produção das narrativas foram selecionados instrumentos que favorecem a escuta atenta e o diálogo com as interlocutoras, como o diário de bordo da pesquisadora, o diário das adolescentes, formulários fechados e abertos, entrevistas narrativas. E, também, entrevistas semiestruturadas com coordenadores e professores da escola, além de conversas informais com adolescentes, coordenadores e professores da escola, realizadas em momentos de convivência no espaço escolar. Esses instrumentos, articulados entre si, possibilitam captar nuances, afetos e significados atribuídos pelas participantes às suas trajetórias de vida e escolares e permitem uma análise contextualizada e crítica das relações entre maternidade precoce, racismo estrutural e desigualdades educacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A literatura aponta que a maternidade na adolescência, quando interseccionada com a condição racial e social, revela um cenário de vulnerabilidade ampliada. Assim, "a mulher negra é a síntese de múltiplas opressões, vítima simultânea do racismo e do sexismo" (CARNEIRO, 2003, p. 128). Isso explica porque a gravidez precoce tende a intensificar desigualdades já existentes. Na mesma perspectiva, Gomes (2002) observa que a escola brasileira ainda reproduz lógicas de exclusão racial, configurando-se como espaço que nem sempre reconhece as experiências e saberes de estudantes negras. Isso reforça a hipótese de que a evasão escolar não é apenas um problema individual, mas uma expressão das estruturas sociais que negam direitos e oportunidades.

Apesar de a gravidez na adolescência ser frequentemente associada à evasão escolar, as especificidades envolvendo raça, gênero e condição social das mães negras adolescentes são frequentemente ignorados, tanto nas discussões acadêmicas quanto nas políticas públicas. A falta de apoio adequado nas



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



escolas, combinada com a ausência de políticas inclusivas e o estigma social, contribuem para a continuidade de um ciclo de exclusão que afeta de maneira desproporcional essas jovens. Isso leva à invisibilidade das suas experiências e necessidades, perpetuando sua exclusão. Sendo que, os fatores que contribuem para a invisibilidade da evasão e do abandono escolar entre mães negras adolescentes nas escolas públicas do estado da Bahia, ao que tudo indica, tem muito pouco tratado da questão da interseccionalidade entre raça, gênero e gravidez na adolescência e a discussão sobre essa questão sobre de que modo afeta essa evasão, ainda é muito tímida no campo da educação. Afinal, é importante procurar compreender como essas jovens são impactadas por um sistema educacional que não considera suas necessidades específicas, além de buscar soluções que possam reduzir a evasão escolar e promover a inclusão educacional dessas alunas.

As vozes das mães adolescentes negras, alunas da Escola Pública Estadual Luanda, em Ipiaú – BA precisam ser escutadas e reconhecidas, pois permanecem historicamente invisibilizadas nos espaços escolares e sociais. Compreender suas trajetórias exige reconhecer que o Brasil foi erguido sobre bases profundamente desiguais, enraizadas no período colonial e escravocrata, cujas marcas ainda estruturam o presente. É nesse contexto que se torna essencial refletir sobre como o racismo estrutural e as desigualdades múltiplas influenciam as experiências educacionais dessas jovens, afetando suas possibilidades de permanência e sucesso escolar. Ao dar visibilidade a essas narrativas, busca-se iluminar os desafios enfrentados por essas estudantes e compreender de que maneira a escola pode ou não atuar seja como espaço de exclusão e silenciamento, seja como território de resistência, acolhimento e reconstrução de trajetórias interrompidas.

O Brasil tem uma história muito particular, ao menos quando comparada à de seus vizinhos latino-americanos. Para cá veio quase a metade dos africanos e africanas escravizados e obrigados a deixar suas terras de origem na base da força e da violência; depois da independência, e cercados por repúblicas, formamos uma monarquia bastante popular por mais de sessenta anos, e com ela conseguimos manter intatas as fronteiras do país, cujo tamanho agigantado mais se assemelha ao de um continente. Para completar, como fomos uma colônia portuguesa, falamos uma língua diversa da dos nossos vizinhos. (SCHWARCZ, 2019, p. 11).



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas :: VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento :: I Jequiê Zumba :: Cantinho do Griô



A partir desse entendimento da autora (2019), é possível compreender que essas estruturas de dominação se manifestaram e ainda se manifestam de forma simbólica e concreta nas relações sociais e raciais no Brasil. Um dos exemplos é o ideal de branqueamento, política e imaginário que, mesmo sem sucesso prático como projeto de embranquecimento da população, permaneceu como valor simbólico, moldando comportamentos, aspirações e identidades. Munanga (2024) afirma que:

Apesar de o processo de branqueamento físico da sociedade ter fracassado, seu ideal incutido através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo do brasileiro, rodando-se na cabeça dos negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca de identidade baseada na 'negritude e na mestiçagem', já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por julgarem superior. (MUNANGA, 2024, p. 21).

Essa lógica de apagamento da identidade negra, como podemos verificar nas formulações de Munanga (2024), atravessa a escola, um dos espaços centrais de socialização. O ideal branco continua sendo reproduzido por meio dos currículos, das representações simbólicas e das relações cotidianas. No caso das mães adolescentes negras, essa realidade se agrava. Além da experiência da maternidade precoce, já marcada por estigmas, essas jovens carregam consigo a marca da cor, do gênero, da idade e da classe social, sendo impactadas por diferentes camadas de exclusão.

Enfim, as narrativas dessas adolescentes negras podem ou não revelar vivências que possam ou não estar sendo silenciadas pelas instituições escolares. A maternidade, longe de ser acolhida, frequentemente pode se tornar mais um motivo de afastamento da escola, seja pela falta de políticas públicas de apoio, pelo preconceito ou pelas barreiras pedagógicas e sociais que possam enfrentar.

CONCLUSÕES

As reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho permitiram até o presente momento, compreender que as trajetórias escolares de mães adolescentes negras possam estar atravessadas por múltiplas formas de



desigualdade, que se entrelaçam e reforçam mutuamente. A articulação entre racismo estrutural, sexismo e desigualdade social tende a revelar um cenário em que a maternidade precoce não pode ser analisada isoladamente, mas como parte de um sistema histórico que produz exclusão e silenciamentos. Nesse sentido, a escola, que deveria ser um espaço de emancipação e de construção de cidadania, muitas vezes pode reproduzir práticas discriminatórias que reforçam o ciclo de vulnerabilidade dessas jovens.

Ao discutir as narrativas dessas estudantes e o contexto em que estão inseridas, evidencia-se a urgência de políticas públicas educacionais mais sensíveis às questões étnico-raciais e de gênero, capazes de garantir o direito à permanência e à aprendizagem. As análises teóricas indicam que as experiências dessas mães adolescentes negras expressam não apenas desafios individuais, mas também as contradições estruturais da sociedade brasileira, marcada por uma herança colonial e patriarcal que ainda organiza as relações sociais e educacionais.

Compreender essas histórias significa reconhecer a potência das vozes que, historicamente, tendem a ser silenciadas e que agora podem afirmar como protagonistas de saberes e de resistências. A pesquisa busca, assim, contribuir para a construção de uma educação antirracista, inclusiva e comprometida com a justiça social, que reconheça as especificidades e as subjetividades de cada estudante. É nesse horizonte que se insere o propósito maior deste estudo: dar visibilidade às narrativas de mães adolescentes negras como forma de romper com o silêncio imposto pelas desigualdades e de reafirmar o papel transformador da educação pública.

Por fim, reafirmamos que este trabalho, ainda em desenvolvimento, pretende aprofundar a análise empírica a partir das narrativas das interlocutoras após a aprovação ética e o início da pesquisa de campo. Esperamos que as vozes dessas jovens revelem caminhos para repensar a prática docente, os currículos escolares e as políticas de permanência, de modo a fortalecer uma escola que não apenas acolha, mas que reconheça e valorize a diversidade como princípio fundamental da formação humana.



REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano, 2003. Cap. 7. P.49-58.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FERREIRA, Maria de Fátima de Andrade. Racismo, autoritarismo e violência na educação brasileira. **Anais do XI Colóquio do Museu Pedagógico**. Vitória da Conquista, UESB, 2015. p. 2523-2537.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, v. 9, n. 1, p. 38–46. 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.